

# ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assinatura é de 24\$000 por série de 52 números, e de 12\$000 por série de 26 números.— Para os Estados 28\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

A administração do « Album » declara que d'esta data em diante o Sr. Castro Soromenho nada tem de commum com este periodico.

12 de Junho de 1893.

concurso, uma sua e a outra do Sr. Dr. Alves Faria. Não recebermos nem uma nem outra.

\*

Os autores das traducções não premiadas poderão exigir do *Album* a publicação de seus nomes.

## SUMMARIO

DR. ABEL PARENTE . . . . .	Pardal Mallet.
CHRONICA FLUMINENSE . . . . .	A.
AMBIÇÕES . . . . .	Silva Ramos.
PARIZ . . . . .	Cosimo
NO BOUDOIR . . . . .	Francisca Julia da Silva.
ENTERRO NO SÍTIO . . . . .	Virgilio Varzea.
CARMEN . . . . .	Pethion de Villar.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
ADEUS Á BAHIA . . . . .	Arthur Azevedo.
THEATROS . . . . .	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

**LUIZ MURAT**

## CONCURSO POETICO

O jury, composto pelos Srs. Dr. Luiz Delfino, Olavo Bilac e Arthur Azevedo, resolveu unanimemente conferir o premio do concurso ao autor da traducção do soneto de Soulayr publicada no ultimo numero do *Album* em decimo terceiro lugar, e assignada por *José Fino*, pseudonymo de *Silva Ramos*.

Ao Sr. Silva Ramos remetteremos, pois, os numeros do *Album* já publicados, e os que se publicarem de hoje em diante.

\*

O Sr. Francisco Muniz Freire declarou que nos remettêra pelo Correio duas traducções para o

## DR. ABEL PARENTE

Se ainda alguém houvesse com audacia para negar a veracidade dos proloquios, aqui estaria o caso do Dr. Abel Parente para demonstrativa de que *ha males que vêm para bem*.

Tudo fizeram contra elle. Numa verdadeira campanha de exterminio, como só a sabe pelear official do mesmo officio, foram desde o reclamar a intervenção da Justiça até á ameaça e ao proposito de uma deportação popular. E de tudo isso, d'essa preocupação e d'esses dissabores de dias infundos, apenas resta um decisivo triumpho para o notavel gynecologista, que mais forte se sente agora, retemperado por essa proclamação de innocencia na devassa que lhe impuzeram, como ouro de lei aquilataado na pedra de toque.

\*

Históriemos, porém :

Não pôde ser um simples canto de victoria este perfil que me pediram para acompanhar o retrato do illustre clinico. A projecção de luz que atiraram sobre a sua individualidade, destacando-o do commum, como um vulto de sabio e de perseguido, creou exigencias de curiosidade que desejam remontar-se até o berço dos homens em evidencia.

Nascido, a 29 de Julho de 1851, numa pequena aldeia da provincia de Salerno, e filho legitimo de Mathilde e Giuseppe Parente, o Dr. Abel Parente foi educado em Napoles. Ahi, em 1875, formou-se em medecina na Universidade d'essa cidade, tendo frequentado os cursos do grande Cantani, de Tom-

masi, Semmola, Calobarelli e outros não menos notáveis da adiantada escola italiana. E fel-o com tal aproveitamento que, logo depois de diplomado, conseguiu os primeiros logares em dous concursos para medico do grande hospital denominado *Incurabile* e para o de *Gesù e Maria*.

Immigrando para o Brasil em Julho do anno seguinte, e submittendo-se em Dezembro ao necessario exame de sufficiencia, para logo conseguiu a estima de Torres Homem, e accentuou o seu espirito investigador e doutrinario numa polemica scientifica que então manteve com o fallecido Dr. Pedro Paulo — uma das glorias da nossa corporação medica.

Ainda nesse terreno de estudo fez publicar: no *Brasil Medico* uma monographia sobre o *Diagnostico clinico differencial entre o cancro uterino e a metrite chronica* e nos *Annaes do segundo Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia* tres memorias sobre *As ulcerações do collo do utero. sua frequencia no Brasil, causas que para isto concorrem, tratamento curativo e prophylatico*, sobre *A ergotina no puerperio* e sobre *Indicações e contra-indicações da hysterotomia nos casos de tumor fibroso do utero*.

E a esses trabalhos em breve se ajuntará outro de maior folego ainda — *A prevenção da concepção das mulheres que correm perigo durante a gestação e o parto*, em que demorada e scientificamente desenvolverá essa sua descoberta de *prevenir para sempre a concepção*, que lhe foi objecto de profundos estudos e que, por pouco, tão caro lhe ia custando.

\*

Foi sobre esta que versou a grande campanha, agora ultimada.

Tendo chegado a resultados precisos e certos na pesquisa a que se entregára, o Dr. Abel Parente, como todo o mundo, annunciou a applicação do seu processo, levando o zelo de consciencia a ponto de discriminar os casos em que o empregaria.

Mal lhe houve. A questão, nova em si, provocou reparo e commentario mais sentimental e impressionista do que estudado e scientifico. E os des-affectos de classe, os inimigos, que o talento nunca deixa de conseguir quando entra em concurrencia com as mediocridades, esposaram esse ponto de vista da chronica ligeira e deram nos o triste espectáculo do academismo, rancoroso e exclusivista, colligado em massa, para o trabalho inquisitorial que condemnára Gallileu e condemnára André Vesallius.

Inumeros foram os pareceres, então publicados, rançosos de sciencia velha, todos a se resumirem nesta argumentação: Como até agora nenhum tratado classico falla num processo de prevenir para sempre a concepção, como nós, acadêmistas! não o sabemos e nunca pensamos nisto, é impossivel que o Dr. Abel Parente o tenha descoberto.

Macaqueação, palingenesis d'aquellas longas dissertações de frades, que na idade media contrapunham um texto da Biblia a qualquer tentativa individual de romper contra a rotina, e negavam a Colombo os meios para descobrir um novo mundo, porque, sendo tres os filhos de Noé, era impossivel na terra mais uma quarta parte, a campanha do academismo brasileiro não se olvidou da guerra insidiosa d'esses outros tempos memoraveis.

Entraram em jogo todas as armas aparelhadas do jesuitismo subterraneo. Cartões impressos e diffamadores foram distribuidos ás centenas. Artiguetes anonymos e insultuosos diariamente appareceram. E vozes *autorisadas* aconselharam que nenhuma doente fosse procurar o notavel especialista, porque todas as senhoras que lhe comparecessem no escriptorio seriam chamadas á policia e submittidas a rigoroso interrogatorio, talvez não escapando a uma pronuncia de complicitade.

Para armar a effeito, recorreram até a preconceitos nativistas, aconselhando a deportação popular d'esse italiano que offendia a mulher brasileira, e estancava em sua origem a fonte da vida nacional, mal lembrados de que, brasileiro de coração, o Dr. Abel Parente fez-se notavel logo depois do 15 de Novembro numa polemica em defeza da lei de grande naturalisação, divergindo nesse momento de ex-patricios, e abraçando entusiasticamente a causa da Republica, de que fôra um sympathico nos tempos difficeis da propaganda.

\*

Exacerbados, como então se achavam, os animos, a questão não podia correr á revelia do poder judiciario. E, assim comprehendendo, a escrupulosa inteireza de character do Dr. Viveiros de Castro chamou-a ao seo fóro.

Já sobre ella se havia pronunciado a autoridade sanitaria que, a cargo de um homem da estatura intellectual e moral do Dr. Francisco de Castro, melhor respeito devêra merecer de seus collegas. A conspiração academista entendêra, porém, de passar por sobre o despacho d'aquelle que se fez o herdeiro scientifico de Torres Homem. E a questão, affecta á Justiça, correu os seus tramites legais, concluindo-se pelo archivamento de um inquerito em que, entretanto, se deixára aos adversarios do denunciado a mais inteira liberdade de prova, e em que estes foram os proprios a evidenciar o nenhum fundamento de increpações, em sua totalidade filhas de uma paixão exclusivista e perseguidora.

\*

Bem houve de tudo isto.

Para nossa litteratura medica este caso forneceu a magistral memoria com que o Dr. Francisco de Castro justificou a justiça rigorosamente scientifica do seu despacho.

Para o Dr. Abel Parente foi a consagração definitiva do seu invento, e a pedra de toque em que

se apurou o valor intrinseco de sua individualidade.

E para nós todos foi a prova de que a evolução dos seculos vac abolindo o particularismo oppressor das confrarias.

PARDAL MALLET.

### CHRONICA FLUMINENSE

Esta foi a semana das boas actrizes: fez beneficio a Judic, estreiou-se a Rosa Damasceno, o *Paiz* publicou um bello artigo de Pinheiro Chagas a respeito da Amelia Vieira, elogiando-a sobretudo como excellente mãe de familia, e por fim chegou a Sarah Bernhardt.

E' provavel que a grande tragica pergunte pela placa.

Que placa? perguntará tambem o leitor. Pois não se lembram? Para perpetuar a lembrança das representações que Sarah Bernhardt deu no theatro S. Pedro em 1886, colisaram-se alguns dos seus mais ferventes admiradores, á frente dos quaes se achava o saudoso Sizenando Nabuco, e mandaram fazer uma placa de marmore, na qual foram gravadas algumas palavras commemorativas.

Essa placa devia ser collocada no theatro não sei se interna ou se externamente. Ficou prompta ainda Sarah Bernhardt cá estava, e durante algum tempo foi vista no salão do theatro, melancolicamente abandonada a um canto; depois desapareceu d'alli...

Que fim levou a placa? O nome da maior actriz do mundo não seria por ventura digno de figurar na fachada do theatro S. Pedro?

\*

Nunca tivemos um anno theatral tão cheio! Basta dizer que estão actualmente nesta capital sessenta e tantos artistas dos theatros de Lisboa! Vamos assistir a uma verdadeira guerra entre emprezarios! Pois se os tempos andam tão bicudos que a gente, para poupar um phosphoro, pede fogo a quem passa!

\*

Mas deixemos a guerra do theatro e fallemos do theatro da guerra.

As noticias que chegam do Rio Grande do Sul são tão contradictorias, que andamos todos ás cegas e não sabemos em quem acreditar. D. Bazilio perguntava: *Qui diable est ce donc qu'on trompe ici?*—; nós perguntamos: Quem diabo nos engana?

Se leio uma noticia — tenho lido tantas! — que me alegra, annunciando a terminação da guerra, posso ter a certeza de que no dia seguinte, ou no mesmo dia, outra noticia me entristece, dizendo

justamente o contrario! Assim pois, estou resolvido a nunca mais alegrar-me...

\*

Um telegramma houve, do commandante da flotilha do Alto-Uruguay, que me não alegrou, mas convenceu-me de que, infelizmente, naquellas paragens Deus não dá o frio conforme a roupa. Vá lá fiar-se uma pessoa na famosa sabedoria das nações!

«Esta flotilha continúa no seu posto de honra, disse o telegramma; desnecessario é appellar para o nosso patriotismo!» E terminou assim: «Mandem-nos roupa de inverno!»

Oh, friorento commandante, porque não fizeste dous telegrammas, — um fallando de honra e de patriotismo e outro pedindo roupa? Fazes-me lembrar o velho da parodia do *Dom Jayme*:

Deus, entrego-te meus filhos!  
— Christina, vamos jantar.

\*

Atravessamos um periodo litterario. Os Srs. Magalhães & Comp. são uns editores que não hesito em classificar de intrepidos.

Ainda agora publicaram elles, num elegante voluminho, com o retrato da Borghi-Mamo na capa, o que me pareceu bem exquisito, quarenta e tantas poesias de Luiz Rosa, o poeta lyrico e sentimental que d'antes se occultava no pseudonymo de Sylvio Freire. *Imagens e visões* é um livrinho que se lê e relê com muito prazer. O autor tem o bom senso de fazer versos á antiga; não embarafusta por essas extravagancias de decadismos, symbolismos, nephilibatismos e não sei que mais. Deus lhe conserve o juizo.

— Do Pará manda-nos outro livro de versos, *Lyrios d'alma*, uma senhora — *chapeau bas!* — D. Maria Simões, bella, a julgar pelo seu retrato, engenhosa mas inexperiente, a julgar pelas suas produções, e digna de benevolencia e de estimulo, a julgar por estas palavras suspiradas num *Ao leitor* fugitivo: «Nada mais pede a humilde escriptora destas linhas, senão que deixeis cahir de vossos caridosos olhos uma lagrima de compaixão sobre estas tristes paginas, em que deixa impressos todos os obscuros arroubos de sua alma sensível e impressionavel.»

Um capadocio do Rio de Janeiro responderia: Quero chorar mas não posso. Com certeza no Pará não o entenderiam.

— Tem só cincoenta e tantas paginas o mais curioso dos livros ultimamente publicados: não é um livro, é um opusculo.

Trata-se de um escripto posthumo de José de Alencar, *Como e porque sou romancista*, publicado por seu filho Mario, o joven poeta das *Lagrmas*.

Para fallar verdade, o livrinho nada contem de verdadeiramente interessante. Diz Alencar que se tornou romancista por que leu romances na sua meninice. Essa é, por fim de contas, a historia de todos os romancistas, e nada tem de particular nem de notavel. Entretanto, ha nessas paginas revelações e phrases incidentes, que as tornam preciosas.

E quando assim não fosse? Um escripto de José de Alencar tem o direito de ser lido com avidéz e interesse, haja as proporções que houver. Eu li assim esse folheto, uma noite, ao deitar-me; e, quando acabei a leitura, atirei-o para cima do velador, apaguei a vela, voltei-me para o outro lado, enterrei a cabeça no travesseiro, e adormeci, pensando: — Prefiro o *Guarany*.

A.

### AMBIÇÕES

(JOSÉPHIN SOULARY)

Se eu tivesse um torrão: monte, valle ou clareira,  
Quizera-lhe agua ao pé: fonte, arroio ou caudal,  
Uma arvore eu plantára: olmo, freixo ou limeira,  
E erguera um tecto a par: colmo, telha ou palhal;

Na arvore um doce ninho: algodão, musgo ou ceira,  
Reteria um cantor: pisco, melro ou pardal,  
Na choça um leito a arfar: rede, berço ou tabual,  
Guardára uma criança: alva, rosea ou trigueira.

Contenta-me um torrão; por bem traçar-lhe a meta,  
Eu diria á criança, a mais bella e dilecta:  
Fica em pé contra o sol que além sobe risonho;

Onde te eu vir na relva a sombra produzida,  
Ahi limitarei o horizonte da vida:  
Ventura além da mão, não é ventura, é sonho.

SILVA RAMOS.

(Traducção premiada no concurso do *Album*.)

### PARIZ

Graças á indiscrição de um amigo, transcrevo em seguida um trecho de carta escripta de Pariz por um dos mais distinctos e o mais «exquisitão», talvez, dos nossos homens de letras, contendo ideias que raras vezes têm sido enunciadas, e coisas que nunca foram ditas. Essás novidades e a fórma artistica do trecho farão com que este seja apreciado pelos leitores do *Album*.

Estou em Pariz, meu caro amigo. Que Deus te livre eternamente do supplicio de estar em Pariz! E' um mundo, sem duvida; largos *boulevards*,

profusamente iluminados á luz electrica, dous extensos renques de arvores bordando a orla dos passeios, uma infinidade de cafés que se succedem, largos espelhos brilhantes, mesas sobre mesas nos passeios, uma multidão compacta amontoada nas calçadas, nos cafés, nas lojas, nas ruas, um borborinho infernal de carros e carros em duas, tres, quatro filas, subindo e descendo, *camelots* que annunciam estentoricamente a *Cocarde, sixième édition!*, *de-classés* da arte que te fazem o retrato enquanto tomas um *bock*, largos cartazes bariolados em cima, em baixo, nas paredes, nas mezas, nas calçadas, nos kiosques, no ar, no céu e na terra, gritando em todos os tons de espectro onde encontras o melhor alfaiate, a peça da moda, pastilhas para a tosse, o mais perfeito sapato e o medico de que careces! E tudo isso numa confusão, num ruido de um milhão de diabos!

Mas, ai de ti! essa impressão que te estou dando, que antes de mim recebeste por um milhão de meios, que é a impressão classica, a nota conhecida e aceita de Pariz; é puramente, exclusivamente a impressão de uma hora, de um dia, do primeiro dia. O tempo do deslumbramento de uma apothose de magica. Acostumas-te ao reverbero da luz, já as palpebras não tremem, olhas fixamente, *analysas*... Ai de ti, meu velho! Estás mergulhado dentro da mais monotona de todas as cidades. O que viste hontem, o grito do *camelot*, o cartaz do annuncio, a lampada electrica, o café, a multidão que hontem te deslumbraram, lá encontrarás no mesmo lugar, á mesma hora, do mesmo feitio, hoje, amanha, sempre, sempre! Este theatro só tem em scena a mesma peça; felizes os que se divertem em aprendel-a de cór! Eu vejo-a ha mez e meio: estou enfastiado.

Se tiro os olhos do paiz para considerar o povo, devo confessar que tenho por elle a maior, a mais completa admiração. A gente admira sempre aquillo de que é incapaz, e eu sou absolutamente incapaz de pautar a minha vida pelo convencionalismo da d'este povo.

Aqui é tudo regrado, marcado, apontado, como se isto fosse um enorme palco onde um contraregra invisivel recebesse as deixas e indicasse as entradas. Hora e dia para tudo: para ir ao theatro, para ir á igreja, para ir ao *Bois*, para ir aos museus, para ir ás aguas, para ir aos banhos, para ir aos campos, para ir á fava!

E a admiração é tão grande ao encontrar-se um sujeito de posição em qualquer destes logares fóra dos dias e das horas, como não encontral-o no momento convencionalado. Quem não é visto no *Bois* nas sextas-feiras, entre as duas e as seis, esteja certo de que recebe um cento de cartões sabendo de sua saude. Não é só tolo, é fatigante, é quasi uma escravidão; esfalfa, aborrece, mata!

Ai! ai! quem me dera estar a estas horas me aborrecendo na mais monotona de todas as cidades!

COSIMO.



DR. ABEL PARENTE



## NO BOUDOIR

Aguarda o joven conde ha quasi uma hora,  
Mudo, a agradável occasião de vel-a.  
A um canto do *boudoir*, altiva e bella,  
Está sentada a viscondessa Aurora.

Entra e murmura : « Que brilhante estrella !  
Vou confessar-lhe o meu amor agora... »  
Depois, approximando-se : « Senhora,  
Tenho muito prazer em conhecê-la... »

E segreda baixinho : « Viscondessa,  
E' por vossa excellencia que deliro... »  
E, ella soerguendo, timida, a cabeça,

Fita-o, sorrindo. Nada lhe responde...  
Solta apenas um tremulo suspiro  
Ao ver os olhos do formoso conde.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

S. Paulo.

## ENTERRO NO SITIO

A ISIDORO DE CASTRO

Meio-dia. O sitio conserva aquella tranquillidade alegre e venturosa de todos os dias, aquelle estado planturoso e verde, que transborda de seiva, e de onde se erguem, salubrisando o ambiente, em ondas revigorantes de saude, o aroma delicioso das flores, as frescas e penetrantes exhalações da verdura.

Quatro meninos tristes e silenciosos sahem de uma egrejinha rude e mal acabada, situada num alto, carregando um caixãozinho aberto, de metim azul, dentro do qual vae deitada uma creaturinha loura, desmaiada, de seis mezes, mais ou menos, sorrindo infantilmente da sua frialdade de morto juvenil, bonita, parecendo viva, com os olhinhos semicerrados como pela intensidade da luz que lhe bate de frente.

Mais atraz, caminha um preto, edoso e curvo talvez pelos seus sessenta annos de enchada, que leva a tampinha do caixão.

Pelas margens da estrada, branca e enfiorecida, cortada pela agua murmurante e limpida dos corre-gos, os espinheiros tufados e vigorosos, numa felicidade vegetativa e exuberante, cantam monotonamente carregados de cigarras, e accenam para o mortinho, n'uma expansibilidade de verdura, como se lhe dessem o ultimo adeus !

Dos terreiros das casas, onde recentes colheitas de café seccam, fumegando, mulheres de lenços vermelhos pela cabeça, assistem piedosamente, com olhos de choro, á passagem do feretro.

Um sol glorioso e resplandecente enche toda a paizagem. O calor abafa. E pelos terrenos alagados e gramosos, pastam satisfeitamente os bois.

VIRGILIO VARZEA.

## CARMEN

Como cantar n'um verso este nome opalino,  
E na tela de um hymno idear este anjo loiro,  
Se eu não possuo o engenho artistico de Urbino,  
E não tanjo de Homero o heptacordium de oiro ?

Vel-a atravez de um nimbo. olympica, tão pura,  
Com um par de azas azues nos seus hombros de neve,  
E querer esboçal-a... ai ! que enorme loucura !...  
Ha perfis que o pincel mais genial não descreve.

Vel-a assim, sempre ideal, e materialisal-a  
No *cliché* de um soneto, e pol-a no escabello  
Banal de um retratista em vez de dar-lhe o altar,

Ai ! que profanação ! Depois, como pintal-a,  
Se todo o oiro do sol radia em seu cabelo,  
Se todo o azul do céu baixou no seu olhar ?

PETHION DE VILLAR.

Bahia 29 de Maio de 1893

Com muito atrazo, causado pela sua excursão á Bahia, recebeu o director do *Album* a seguinte carta, que só agora pôde ser publicada :

« Meu caro Arthur Azevedo : Ao ler, no ultimo numero do seu *Album*, uma traducção dos bellos versos do conde Réseguier acerca da constancia no amor, lembrei-me de já os haver tambem trasladado ao portuguez, no meu tempo de estudante de S. Paulo, a pedido de Martim Francisco Filho. Se bem me recordo, era assim a minha versão :

Dizem, meu anjo,  
Oiço dizer,  
Que o amor muda.  
Não deves crer.

Fogo que inflamma,  
Eterno a arder,  
Nutre-se, vive  
Da propria chama :  
Quem ama, ama  
Até morrer.

E' claro, filha,  
Como o que o fôr :  
Amor que muda  
Não é amor.

LUCIO DE MENDONÇA.

Riô, 17 de Maio de 1893.»

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

## VIII

Lucio deixou correr indifferentemente um mez.

Para qualquer que não se vio ainda prisioneiro de uma mulher, trinta dias passam com rapidez, e é fleugmaticamente que se vão contando, aproveitando-os bem e marcando-os com episodios mais ou menos romanescos. O medico fizera o proposito de evitar Dolores durante esse espaço de tempo, com prejuizo do seu interesse amoroso.

Bem comprehendia que, depois d'aquella scena, que participava tanto de estranha quanto de excentrica, e até mesmo com a sua pontinha de ridiculo, o melhor expediente era contemporisar.

Afinal, o que a principio lhe pareceu estranho, enigmatico, apresentou-se á razão lucidamente explicado. Lucio tomou como ponto de partida o grito abafado que ouvira, quando se achava no quarto de Dolores a beijar-lhe a mão avelludada e quente, duas condições para transformar mãos de mulher bonita em pilhas de sensualismo.

A ideia assentou nesta casualidade e coincidencia. Homem de acção, decidiu prestar a Carmen todos os meios para que de uma vez para sempre se convencesse de que lhe era completamente indifferente Dolores. E para isso, o primeiro passo devia ser, no seu entender, afastar-se por algum tempo da casa do coronel Blanco.

Contraria a isso foi a deducção que Carmen tirou de tão louvavel procedimento. Seria mentir dizer que Lucio não sentira a privação, a que voluntariamente se entregára, de evitar a presença de qualquer pessoa que fizesse parte da familia Blanco.

Com o padrao de Carmen encontrára-se amiudadas vezes em sua propria casa. Entrava ás onze da noite e ainda assistia ás ultimas scenas da bisca que os coroneis Herrera e Blanco representavam com uma interessante mimica, em silencio, com os cotovellos cravados no tapete verde da meza e, de quando em vez, acompanhando-se com o chupistar do *chimarrão*, que a criada apresentava de intervallo a intervallo, automaticamente, entrando e sahindo da sala de jantar que, de ordinario, era o campo dos gladiadores, partidarios das monarchias de um *baralho*.

Os dous velhos, embora robustecidos e bem providos de epidermes resistentes e até com a virtude da consistencia de verdadeira sola, não se podiam conservar insensíveis á acção do ar frio do inverno.

O mez de Julho principiára com a symphonia á grande orchestra de pampeiros, e vertiginosos que eram como a correria de um Derby em Hide-Park.

As pessoas edosas são mais sensíveis ás baixas temperaturas. Por isso, o coronel Herrera tinha

sempre de prevenção, acceso, o fogão de inverno, a *estufa*, como o designam em Montevideo. O coronel Blanco vinha, quasi todas as noites, descansar das divagações politicas do dia, entregando-se ao calculo silencioso da bisca. De quando em quando, os dous amigos distrahiama vista e fixavam um olhar de travez ao brazeiro da *estufa*, que accionava com uns gestos chammejantes, e cantarolava uns estalidos, monotonos, mas agradaveis, de lenha verde.

Blanco dera, havia dias, pela ausencia que Lucio fazia á sua casa. Tivera a veleidade de imaginar que o rapaz poderia enamorar-se da enteada.

— Enganei-me! — dizia consigo. — Coisas de moço. Gosta mais de correr o mundo duvidoso, do que frequentar casas de familia.

E já lhe não dispensava o sorriso de protecção e bondadoso que antes chamava a attenção dos adoradores de Carmen, nem repetia os elogios que sempre tinha nos labios e proferia á queima roupa, pouco se importando se ia ou não ferir o amor proprio dos que, longe de terem o merito, tinham as mesmas pretensões de seu joven amigo. Estas caricias, se não engodos, diminuiram a pouco e pouco; e, quando se passou o mez, durante o qual Lucio não visitou a casa do coronel Blanco, já o velho militar lhe respondia aos cumprimentos com um — *Salud, caballero* — secco, e sem levantar os olhos do leque, armado na mão esquerda com as cartas de jogar.

O padrao de Carmen proferia do modo o mais indifferente essas duas palavras, e continuava, de intervallo a intervallo, a bater com os naipes no panno da meza, acompanhando-se com um gesto de esgrimista e golpeando biscoas e ázes com o trunfo victorioso. E então os dous amigos gargarejavam uns risos especiaes, de bonhomia e prazer. Recordavam-se do tempo de barraca, no Paraguay e na guerra de Rosas.

Era, em circumstancias mais melindrosas, aquillo mesmo, — uma bisca á luz da fogueira e ao som da *bandurria* de algum trovador do batalhão.

Lucio pouco deduzia das informações do coronel sobre Carmen. Comprehendêra o motivo da indifferença do velho, e regosijava-se.

Blanco queria-o, e arrufava-se com o seu procedimento. E, quando menos, um meio excellente de conhecer se os paes aceitam ou não os pretendentes. Demais sabia muito bem o annexim francez: *pour se faire aimer, il faut se faire désirer*.

A velha amisade dos militares, inabalavel, inspirava aos dous uma confiança extrema, e o pensamento de um era de subito suggerido ao outro, sem premeditação.

Discutiam ideias e mettiam a ridiculo, de continuo, os desconchavos da politica do governo. Para elles talou tal empreendimento dos homens da situação, que, em verdade, era digno da reprovação geral, condimentava os ultimos dez minutos que

medeavam entre a ultima partida e a retirada de Blanco.

Esse curto espaço de tempo contrastava de modo singular com o silencioso batalhar do jogo. A *situação* era, em bom portuguez, o câo de lata ao rabo, á custa do qual os dous intimos se riam, sem deixarem de manifestar a pontinha malevola do despeito partidario, que é para os homens politicos o que o ciúme é para o amor de moços.

Apezar, porém, desta confiança mutua, assumpto houve de que o coronel Blanco se abstrahio de tratar na presença do amigo. O marido de Dolores pensou que bom partido seria estabelecer um ajuste de casamento entre Carmen e Lucio. Os moços pareciam criados um para o outro.

— E' verdade — murmurou Blanco um dia — é verdade tudo isto, mas, não é a mim que compete dar impulso : é ao Herrera como pae de Lucio.

No fim de um mez fel citava-se por ter seguido á risca o pensamento : o rapaz não tinha a menor inclinação pela enteada. Equivoco ainda mais corroborado pela ausencia prolongada de Lucio.

Assim estavam as coisas, quanto á opinião que os personagens faziam dos sentimentos dos dous moços.

Viviam enganados ; enganavam-se involuntariamente uns e outros. Em taes circumstancias, não ha para que appellar seuão para o tempo, se é que o tempo pôde fazer o milagre de absolver *criminosos*, que nenhum delicto commetteram.

Lucio lutava entre o amor que dedicava a Carmen e a tentação de Dolores. Esta entendia dever levantar a barreira de um falso noivo, monstruoso e ridiculo, entre os dous moços, cuja natureza de um e outro sentia a attração de profundo affecto. Carmen presentia o perigo ; em sua opinião a ausencia de Lucio tinha por alvo salvar as apparencias ; não era a ella que se dirigia a attenção do medico.

— Que importa que se hajam passado trinta dias sem que elle venha visitar-nos ? Não sahem as senhoras quando bem lhes parece, sosinhas ? não voltam ás horas que lhes appraz ? não se podem encontrar *por ahí*... por essas ruas ?... para que se inventaram os *rendez-vous* ?

Foi má a interpretação que deu ao procedimento de Lucio. O seu respeito filial accusava-a do juizo que dispensava ao procedimento de sua mãe. E, nestas occasiões, Carmen empallidecia medrosa da sua propria ideia ; o sentimento, porém, o amor proprio ferido, o quasi ciúme que a consumia alentavam-n'a a conservar essa opinião.

Lucio evitava Dolores e Carmen fantasiava *rendez-vous*.

Destas situações deduzem se, por vezes, consequencias perigosas. A precipitação dos raciocinios, presidida por uma logica falsa de enamorado, dá sempre resultados funestos. Ao sentimento que Carmen nutria por Lucio devia fatalmente succeder o despeito. Quando uma individualidade se acha presa

d'esse veneno que a sociedade filtra, segue-se a offensa. Ha mulheres que têm por methodo e norma uma singular theoria: antepõem sempre ao amor de um homem a fatuidade de uma soberba perigosa. Sa-hem victoriosos se o homem, pretendente que seja, tem tambem a pretensão da victoria e luta por vaidade, não para ganhar o coração mas para abater o orgulho dessas improvisadas rainhas de salão.

Carmen, mulher de natureza privilegiada, educada á luz dos conselhos de Blanco, havia de ter tambem o seu calcanhar de Achilles ; exemplar em tudo, fez excepção num ponto: offendeu.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## ADEUS A' BAHIA

Patria gentil da Patria brasileira,  
Com pena de deixar-te vou deixarte...  
Não espera o vapor. fuméga e parte...  
Adeus, ó doce terra hospitaleira!

Dentro do coração te levo inteira,  
Embora o longo mar de ti me aparte,  
E commigo serás em toda a parte  
Aonde o fado regeitar-me queira.

Adeus, ó formosissima cidade,  
Da Divindade alegre maravilha,  
Que maravilha a propria Divindade!

Terra que o fero Oceano prende e humilha,  
Eu deixo-te, penhor d'esta saudade,  
A minh'alma, o meu tudo, a minha filha.

ARTHUR AZEVEDO.

Bahia, 28 de Maio de 1893.

## THEATROS

Não! não é um sonho, não é uma illusão dos sentidos : Sarah Bernhardt está no Rio de Janeiro, Sarah Bernhardt representou hontem, Sarah Bernhardt representa hoje, alli, no Theatro Lyrico, a alguns metros de minha casa, cinco minutos longe da rua do Ouvidor !...

Que peça representou ella ? A *Tosca*, julgo... não sei... Que actores a acompanham ? Ignoro... não reparei... não ouvi... não vi... Só tive olhos e

ouvidos, intelligencia e alma para ella, a divina, a incomparavel artista! Póde ser que mais tarde eu consiga ver e ouvir no Lyrico outro vulto que não seja o seu, outro som que não seja o de sua voz... Póde ser que na proxima semana eu tenha readquirido a calma do espirito, e possa dar aos leitores do *Album* a chronica calculada e fria dos espectaculos de Sarah Bernhardt; neste momento sinto-me confundido e esmagado pelo seu talento phenomenal e illustre.

\*

*Mam'selle* por *Mam'selle*, antes *Nitouche* que *Crénon*; pelo menos foi essa a opinião de todos os *habitués* dos espectaculos da Judic. A diva é ainda uma incomparavel artista no papel de Nitouche, e o actor Simon, no de Celestin-Floridor, parece-se extraordinariamente com Baron, o creador do papel: é esse o maior elogio que lhe posso fazer. Os demais papeis foram sacrificados, mas a interessante peça de Meilhac, Millaud e Hervé a tudo resiste com uma protagonista assim.

A Judic fechou a serie dos seus espectaculos com a *Niniche*—um de seus melhores papeis—e lá foi deliciar os povos da Paulicéa, que vão, pela primeira vez, póde-se dizer, ouvir a cançoneta franceza. S. Paulo ha de fartar-se de applaudir a diva.

\*

A companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, estreiou-se no S. Pedro com o *Kean*. No papel do protagonista reapareceu o insigne actor Brazão, nosso velho conhecido, e no de Anna Damby estreiou-se a actriz Lucinda do Carmo, que tem reputação de talentosa.

Ao *Kean* succedeu logo o *Tio Milhões*, comedia alleman, traduzida por Acacio Antunes. Não diz o cartaz qual seja o nome do autor. A peça não é um primor de technica dramatica, mas é muito espirituosa e muito divertida. O Tio Milhões é Augusto Rosa, um actor de quem o publico fluminense devia ter saudades. O papel do conde [Karaskol, o patife da peça, foi bem desempenhado por um artista que a nossa plateia não conhecia ainda,—Augusto de Mello. Mas a *great attraction* do espectaculo era a apparição de Rosa Damasceno, uma verdadeira actriz de comedia, muito observadora, muito minuciosa, muito natural, e unica no seu genero em lingua portugueza. O publico fez-lhe uma ovação merecida.

\*

No Apollo tivemos, pela outra companhia dramatica portugueza que já cá estava, as *Duas Orphans*, de D'Ennery, e o *Voluntario de Cuba*, de Caño. Qualquer d'esses dramas é bastante conhecido no Rio de Janeiro; em ambós têm magnificos

papeis os artistas Amelia Vieira e Alvaro, a quem a nossa plateia não regateia applausos.

\*

Estreia-se hoje, sabbado, no Polytheama, a companhia Tomba, — companhia italiana de opera, opera-comica, opereta e magica. A peça escolhida para esta estreia é a opera-comica em 3 actos, *Raphael e a Fornarina*, do *maestro* Maggi.

\*

A companhia Garrido, desalojada do Polytheama pela companhia Tomba, vae dar a *Volta do mundo* no Recreio Dramatico.

X. Y. Z.

Recebemos um exemplar do *Tartufo*, a inmortal comedia de Molière, traduzida em versos alexandrinos por Americo Lobo. Sobre tão importante trabalho litterario daremos oportunamente a nossa opinião.

Do Sr. J. Barbosa Rodrigues, o illustre director do Jardim Botanico, recebemos um exemplar do catalogo dos vegetaes cultivados naquelle estabelecimento, outro da descripção scientifica de um novo individuo do genero *Caryodendron* e de uma *Sebania* nova, e outro ainda do relatorio sobre trabalhos do Jardim Botanico, apresentado pelo mesmo funcionario, em 18 de Janeiro ultimo, au Ministerio da Industria.

Do Sr. José Pinto de A. Ferraz, recebemos um exemplar do seu poemeto a *Volta do recruta*, publicado em Piracicaba, e pelo Sr. Julio Reis, conhecido compositor brasileiro, nos foi oferecido um exemplar da sua bella valsa *Appolinea*.

Agradecemos, bem como a remessa do tomo 4º (ns. 19, 20 e 21) da *Revista pedagogica*, utilissima publicação dirigida pelo Sr. Dr. Menezes Vieira, e numeros de *El mundo del arte*, de Buenos Aires, da *Gazeta quinzenal* e da *Étoile du Sud*, d'esta capital, do *Diario de Manáos*, da *Gazeta Postal*, de Belem, do *Baixo Amazonas*, de Santarem, da *Republica* e do *Commercio*, de Fortaleza, do *Gutenberg*, de Macelió, da *Ordem*, de Cachoeira, do *Contemporaneo*, de Sabará, da *Gazeta do Jahú*, etc.

Aos nossos assignantes em debito rogamos encarecidamente que mandem satisfazer o preço das suas assignaturas.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.